

Francisco M. Coelho

Francisco Marques Rodrigues

fotobiografia



Fraternidade Rosacruz de Portugal

Capítulo VIII

MEMÓRIAS

Como Conheci o Sr. Marques Rodrigues

Tomás George Conceição Silva

General da F. A.

Em 1968 eu um jovem major piloto aviador, envolvido na máquina de guerra do Ultramar, cujos valores positivistas se pautavam pela noção do dever, pela defesa da honra e do brio da Força Aérea e pela procura da satisfação no cumprimento da missão. Como valores mais pessoais, que me haviam sido transmitidos pelos meus pais, procurava a rectidão do carácter a defesa da verdade e a harmonia nas relações com os outros.

A religião não me cativava e a minha noção de vida era a que temos na terra até ao fim dos nossos dias. Tinha alguma curiosidade pela astrologia pensando que era um instrumento que nos podia revelar o futuro; mas longe de mim estavam a noção de “vida eterna” e da “ressurreição dos mortos” como ensina a doutrina católica.

Curioso é recordar que, numa leitura astrológica da altura, num texto francês, referindo-se aos aquarianos e ao ano de 68, se dizia: “Vous serez plusieurs a changer le fusil d’épaule”. Mal sabia eu quanto de verdade essa frase teria para mim.

A vida de um piloto, naquela época, era de constante movimento não só no transporte de pessoal e bens do Continente para o Ultramar como nas comissões nas Províncias Ultramarinas. A Força Aérea era, até certo ponto, privilegiada na medida em que, na maior parte das vezes, era possível levar a família connosco nessas comissões.

E é assim que, em Agosto de 1968, a Maria Margarida e os nossos três filhos se encontravam em Lourenço Marques enquanto eu voava de Lisboa para Luanda.

Foi a 26 de Agosto desse ano que o mundo desabou para nós. Em Luanda, recebo a notícia de que a minha filha Teresa, de cinco anos, fôra atropelada e estava muito mal. Imediatamente

sou autorizado a deixar o meu vôo e a seguir para Moçambique para, à chegada, levar a pancada final. A Teresa já não estava connosco.

Nessas alturas, as palavras de consolo dos bem intencionados familiares, dos religiosos e dos amigos não conseguem apaziguar uma dor nunca antes imaginável. “Um anjinho no Céu”, “a vida tem que continuar” e tantas outras frases ditas com a melhor das intenções, perdem o seu valor ao embater com um desgosto sem limites que nos absorve e destrói interiormente.

E aparece, de imediato, a urgência de compreender mais longe, de procurarmos o que até então não nos preocupava.

A procura de quem não sabe não é fácil e muitos livros nos passaram pelas mãos sem que, contudo, a imagem da morte e da separação para sempre e a dor a esse sentimento associada nos abandonassem.

Entretanto, a minha mãe, amiga da Sr^a. D. Cecília, contou-me o sucedido e, pouco tempo depois, recebia uma carta do Sr. Marques Rodrigues com conceitos que eram bem diferentes do que até então tínhamos lido e do que todas as pessoas amigas nos tinham transmitido. Daí até procurarmos chegar à fala com ele não decorreu muito tempo e recordo-me que, depois dum desencontro em casa dos meus pais onde não conseguíramos chegar a tempo, fomos até sua casa, em Benfica, para directamente ouvir o que já na carta nos parecia tão transcendente.

→ A paz de espírito que emanava da sua pessoa, a sua voz tranquila e suave, o seu poder de persuasão e o início da explicação do mistério da vida e da morte em todas as suas envolventes, que nunca antes nos tinham sido apresentadas, marcaram-nos profundamente, embora a verdadeira transformação interior a que tal revelação nos iria conduzir não surgisse de imediato. Mas, sem dúvida, despertou-nos a “fome espiritual” até aí adormecida e a necessidade imperiosa de o procurarmos mais vezes, nas Termas das Caldas da Rainha, onde por vezes o casal descansava; e em sua casa em Benfica, para ouvir as sempre reveladoras palavras com que nos acolhia. A dor inicial não desapareceu mas foi-se transformando, interiormente, numa aceitação e compreensão dos destinos da vida e da maneira como os devemos encarar face a uma verdade mais complexa e abrangente do que a que até aí conhecíamos.

E foi muito depois, quando já os nossos espíritos estavam mais libertos das vibrações negativas do desespero e mais aptos a compreender o que até aí nos parecia serem impossibilidades

materiais, que se nos revelou com as suas faculdades de clarividente. E a sua afirmação, tranquila, de que "a Teresinha vai voltar" e a explicação de que teríamos sinais inequívocos da sua presença deixou-nos, a princípio, confusos e admirados. Mas foi-nos explicando que nasceria muito parecida com a encarnação anterior, o seu arquétipo não fora destruído, teria um desenvolvimento mais rápido do que o comum e até era natural que exibisse alguma marca e nascença consequência do que sucedera. Entretanto aderimos à FRCP, iniciando os cursos respectivos e mantendo uma sempre estreita ligação com ele cujas palavras nos iam, cada vez mais, dando a noção dos verdadeiros valores da vida, do seu objectivo neste mundo e da sua eterna permanência ao longo das sucessivas reencarnações.

O Destino ia se cumprindo e sou mandado, em comissão, para Moçambique onde a nossa filha falecera. Pouco tempo depois, a Maria Margarida dá à luz uma menina que parecia uma cópia fiel da Teresinha.

Contra algumas opiniões que pensavam não ser correcto dar-lhe o mesmo nome, foi assim que a chamámos. Mas o que não podíamos dizer às pessoas é que ela tinha regressado e, como dissera o Sr. Marques Rodrigues, trazia, de facto, sinais físicos indesmentíveis, nas duas coxas e na testa, por cima de uma pálpebra, onde fora atingida pela violência do choque. Foram os sinais que confirmavam a sua origem. Mas o acontecimento que mais nos emocionou ocorreu num pequeno acidente, sem consequências, que a Maria Margarida sofreu quando, guiando o seu "Mini", foi abalroada por outro veículo. A Teresinha, que tinha nessa altura pouco mais de três anos e vinha no banco de trás diz claramente: "o outro carro também me bateu e eu fiquei toda morrida". Nunca ninguém lhe falara no passado, como é óbvio...

O tempo encarregou se, igualmente, de confirmar que o seu desenvolvimento, precoce para a idade, vinha fazer justiça ao que nos afirmara anos antes o Sr. Marques Rodrigues. Foram pérolas espirituais que tanto nos gratificaram, ajudaram a ultrapassar o nosso desgosto e tanto contribuíram para a abertura a outra compreensão da vida.

Ao longo de todos aqueles quatro anos em África, sempre as suas cartas mensais nos trouxeram o consolo salutar da sua experiência e conhecimento, tanto nos ajudaram a compreender o verdadeiro significado da vida e trouxeram a força e a visão correcta para a encarar com confiança e ânimo no futuro.

Já no continente, como comandante da base de Aveiro tive a oportunidade de lhe facultar um vôo sobre toda aquela área.

Recordo como me disse que o ar, naquela região, tinha vibrações muito subtis. Ia todas as semanas a Salreu, a sua casa, para, durante longos serões, continuar a escutar as suas palavras e ouvi-lo contar episódios da sua vida, que a então confiança mútua permitia, sem restrições.

Assim soube que, numa encarnação anterior, fora um alto dignatário da Igreja, na Índia Portuguesa e que existia um quadro a óleo, no Palácio de Ali del Kahn, que o representava. Igualmente me falou dum episódio curioso numa situação em que a sua capacidade de bilocação se manifestara.

Mas o que mais me admirava, sem eu sequer ter ainda abordado as minhas preocupações próprias do período descontrolado que se vivia logo a seguir ao 25 de abril, era a maneira como me tranquilizava, relativamente às mesmas, como conhecendo-as de antemão... Eu tinha a sensação de que "me lia" como um livro aberto!

Também num jantar que oferecemos ao casal, na Quinta das Torres, em Azeitão, a certa altura disse-nos que as enormes salas estavam cheias de espíritos de antigos ocupantes do palácio e que era manifesta a sua relutância ao verem-nas invadidas por estranhos que ali não pertenciam.

Em 1979, estando nós em Inglaterra, fui chamado a Portugal, em serviço. Fui visitá-lo ao hospital mas já não me reconheceu ou, pelo menos, foi assim que o apreendi. O seu passamento ocorreu pouco tempo depois.

Os onze anos de contacto íntimo que mantive com o Sr. Marques Rodrigues marcaram, definitivamente, uma época de grande transformação na minha vida.

A sua tão importante obra é conhecida por todos os Rosacruceanos. Eu pretendi, apenas, transmitir os aspectos pessoais que tive a felicidade de vivenciar no inestimável e longo contacto que tivemos. E estou certo de que, através deles, se poderá, lendo até nas entrelinhas, ajuizar da verdadeira dimensão que tinha esse espírito ímpar e do valor da sua actividade neste seu percurso pelo nosso mundo.